

CRISE NA ECONOMIA

# FALTOU TRANSPARÊNCIA

Segundo especialistas, falhas que originaram a atual crise global estão ligadas a regras financeiras e contábeis, conhecidas como governança corporativa

Angela Fernanda Belfort  
abelfort@com.br

Giovanni Sandes  
gsandes@com.br

O mundo enfrenta uma ressaca de anos de prosperidade econômica. Crédito fácil, sem restrição, e lucros altos inflaram os balanços das empresas. Produção e consumo pipocaram. No auge da festa, no entanto, surgiram os sinais da grande dor de cabeça que viria. Era a inadimplência nos financiamentos imobiliários, só um dos muitos focos que surgiram. Ainda estamos no "dia seguinte" a crise que começou nos Estados Unidos e trouxe consequências para o resto do mundo. Mas, ao analisar a festa, os especialistas acreditam que as falhas que originaram a rebordosa global estavam justamente no conjunto de regras contábeis e financeiras empregadas para tornar mais transparente e confiável a gestão das médias e grandes empresas, a chamada governança corporativa.

Um dos fatores que provocou a crise foi a avaliação mal feita dos riscos que as empresas podiam correr. Bancos e financeiras americanas emprestaram muito dinheiro a quem não tinha condições de pagar — o crédito subprime. E ainda incentivaram investidores a apostar em operações derivadas desses financiamentos, dividindo, dessa forma, o risco, o que só aumentou a bola de neve. Foi sobre esses pontos que o G-20, grupo dos países mais ricos com os emergentes, em reunião no último fim de semana, aprovou 47 medidas, todas para aperfeiçoar as regras da governança corporativa, como uma maior regulação do mercado financeiro.

"A origem dessa crise veio da falta de governança corporativa", comenta o diretor-executivo da consultoria Protiviti, Piersio DeLuca. "Os rétores financeiros aliam deturpam os controles internos mais fracos, porque as pessoas estavam olhando de forma superficial para eles e acharam que a bolha de crescimento ia durar para sempre", emenda a diretora-executiva do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), Heloisa Bedicks. "Houve um apetite maior ao risco do que as empresas deveriam ter", continua ela. Heloisa cita o código do IBGC, e acredita que os danos poderiam ser evitados se os conselhos de administração das empresas tivessem assegurado que suas diretorias identificassem previamente os riscos e apresentassem medidas para minimizá-los.

Com 158 anos de operação, o primeiro gigante atingido pela crise foi o Lehman Brothers, quarto maior banco de investimentos americano. Foram US\$ 85 bilhões em ativos podres, principalmente no financiamento imobiliário. Para os economistas, as altas taxas de juros no Brasil impedem o aparecimento de problemas semelhantes.

Para o coordenador do Centro de Estudos em Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP), William Eid Junior, a própria governança corporativa está em risco. "A crise deixou o nó na. Temos associações de governança corporativa mostrando que o mercado passou a usar os selos de governança como simples selos de marketing", comenta William.

"Muitos desses contratos de operações financeiras são complexos e, quando chegam na empresa, vão para um conselho onde ninguém está preparado para lidar com risco. A análise não é sobre a probabilidade da ocorrência, mas o efeito dela. É como roleta russa. Não importa a quantidade de balas. Se ocorre, o dano será alto", defende o coordenador da FGV/EAESP.

Sebastião Bergamini Junior já atuou na auditoria interna do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e geriu carteiras no BNDES/SPAR, braço de investimentos do banco. Em 2005, publicou o estudo Controles Corporativos como um Instrumento da Governança Corporativa. Ele explica que os derivativos, ao repartir os riscos com diferentes mutuários, ocultaram o fato de que a soma dos títulos "fracionados" era inferior ao total dos papéis originários. E mesmo assim receberam aval das agências de classificação de risco. "As crises servem para evidenciar a necessidade de aperfeiçoar as práticas da governança. Mas uma empresa focada e que consegue contar com recursos no mercado financeiro deve ter essa preocupação, independentemente de crises", afirma Sebastião.

"Lições? Acho que a maior delas é que não se pode arriscar tanto. E atenção. Muita atenção a qualquer operação envolvendo o mercado de capitais, o mercado futuro", recomenda o sócio-diretor da PricewaterhouseCoopers, Gilberto Bagalio.



DISSEMINAÇÃO Crise surgiu nos Estados Unidos e se espalhou rapidamente pelos mercados financeiros ao redor do mundo

## Turbulência vai endurecer regras de governança

A atual crise é a segunda turbulência financeira a chamar a atenção para a necessidade das companhias adotarem e revisarem as regras da governança corporativa. A primeira ocorreu entre 2001 e 2003, quando houve alterações nos balanços financeiros de várias empresas, que resultaram em lucros altos e superestimados. As cifras elevadas surgiram por supostas irregularidades nos balanços de grupos como Enron, WorldCom e Parmalat, entre outros.

"Na época, essa crise foi contábil e se percebeu que os dados dos balanços não estavam refletindo adequadamente todas as operações feitas pelas empresas", comenta o diretor executivo da Protiviti, Piersio DeLuca.

As proporções das duas crises foram diferentes. A que ocorreu no início dos anos 2000 levou à concordata algumas empresas, mas não atingiu toda a economia — como a que está ocorrendo agora, que começou nos Estados Unidos, porém se espalhou por vários países. Já anunciaram recessão a Alemanha, Japão, Islândia e Reino Unido. Tudo isso porque houve retração na oferta de crédito (dinheiro disponível) e redução do consumo.

"Não tenho dúvida de que as regras vão endurecer mais e mais", disse o coordenador do Centro de Estudos em Finanças da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP), William Eid Junior, acrescentando que a próxima crise virá também do mercado financeiro. Segundo ele, os controles não serão afrouxados, mas o mercado cria novos produtos a todo momento e não há como o regulador acompanhar.

O contador Sebastião Bergamini Junior também acredita que durante algum tempo haverá crescimento de investimentos em controle e aumento de regulação. "até que a maioria das pessoas esqueça e ocorra uma nova crise, mas ciclo facilmente previsível".

Mesmo o crash de 1929 também é citado como um marco na história das finanças. Foi a partir dali que o mundo sentiu a necessidade de padronizar dados e informações contábeis, para transmitir maior segurança às empresas e aos investidores. Hoje, no entanto, a necessidade é de atualização das normas e procedimentos.

## » ENTENDA A GOVERNANÇA CORPORATIVA

### O que é?

A governança corporativa é um conjunto de normas que estabelecem maior transparência para administrar as empresas, com regras que dimensionam os riscos e definem um sistema de controles e procedimentos internos. Tanto empresas de médio quanto de grande porte devem implantá-la

### Como implantá-la?

1. Adoção de um sistema de controles internos, inclusive auditoria
2. Definição de políticas e procedimentos a ser divulgados para toda a empresa
3. Criação de um órgão para supervisionar as ações da diretoria executiva. Essa área pode ser o conselho de administração ou conselho fiscal
4. Contratação de auditoria externa, anual, nos demonstrativos financeiros da empresa
5. Criação de órgão de auditoria interna para acompanhar a política e procedimentos adotados
6. Composição do conselho de administração com pelo menos dois conselheiros profissionais, independentes da organização
7. Gerenciamento de risco adequado, com medidas para minimizar os riscos a serem apreendidas à diretoria executiva e ao conselho de administração

### O que faltou na crise?

Para os especialistas o início da turbulência foi causado pela falta de implementação adequada de princípios da governança. Com isso, não se avaliou corretamente os riscos, nem os processos foram seguidos à risca

## Mundo globalizado já exige modelo contábil único

O mundo não será o mesmo depois do "crash de 2008". A busca por informações mais confiáveis vai fazer os executivos das grandes empresas buscarem sistemas e informações que transmitam, de forma transparente, clara e instantânea, a situação das companhias. "As regras de governança corporativa serão mais usadas pelas empresas depois dessa crise", comentou o diretor executivo da consultoria Protiviti, Piersio DeLuca.

Além das regras da governança, os consultores apontam vantagens na adoção do International Financial Reporting Standards (IFRS), um conjunto de regras contábeis que será usado por mais de cem países e que já está em vigor na União Europeia.

No Brasil, o prazo para as empresas de capital aberto (que têm ações em bolsa) converter as suas demonstrações financeiras para os padrões da nova regra contábil vai até 2010. "O IFRS estabelece uma linguagem comum, um padrão único e logo será aceitável no mundo inteiro", explicou o sócio da Deloitte Consultoria, Bruce Mescher.

"A adoção do IFRS será muito boa para o mercado de capitais. O mundo está globalizado e os investidores vão começar a entender o que está no balanço das empresas que adotarem essas regras", afirmou DeLuca, acrescentando que isso poderá atrair os executivos interessados em investir em uma companhia que esteja no Brasil.

A principal queixa dos consultores é que, quando cada país adota uma regra contábil específica, torna-se difícil comparar informações financeiras, porque elas referem-se a dados diferentes.

Protiviti, Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) e Fundação Getúlio Vargas (FGV/EAESP)